



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**KARLLA KAROLLYNE MELO IDALINO
MARIANA LEITE DA SILVA**

**A LIBERDADE DA VONTADE NA LOGOTERAPIA: UM ESTUDO DA
AUTOBIOGRAFIA DE TERESA DE LISIEUX**

**Maceió
2021**

KARLLA KAROLLYNE MELO IDALINO

MARIANA LEITE DA SILVA

**A LIBERDADE DA VONTADE NA LOGOTERAPIA: UM ESTUDO DA
AUTOBIOGRAFIA DE TERESA DE LISIEUX**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Psicologia como requisito para conclusão da graduação em Psicologia, orientado pela Prof. Dra. Heliane de Almeida Lins Leitão.

Maceió
2021

AGRADECIMENTOS

À Santíssima Trindade por sua bondade infinita.

À Nossa Senhora por sua intercessão e cuidado.

À Santa Teresinha pela intercessão e exemplo de liberdade.

Aos nossos pais e irmãos pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

À nossa professora e orientadora, Dra. Heliane de Almeida Lins Leitão, pela dedicação e empenho em nos ensinar e orientar.

Ao professor Esperidião Barbosa Neto pela disponibilidade em avaliar este trabalho.

Às irmãs do Carmelo de Santa Teresinha de Maceió pelas orações e carinho.

Aos nossos familiares e amigos pelo companheirismo.

Ao Monsenhor Pedro Teixeira Cavalcante pelo empenho no estudo da vida de Teresa de Lisieux.

Ao Psicólogo Paulo Thiago Araújo pelo apoio e contribuições.

Por fim, a Viktor Emil Frankl, por ter fundado a Logoterapia, esta brilhante teoria que tanto nos inspira no exercício da nossa profissão.

RESUMO

O presente trabalho dedicou-se ao estudo do conceito de liberdade da vontade na Logoterapia, teoria criada por Viktor Emil Frankl (1905 – 1997), aplicando-o à história de Maria Francisca Teresa Martin, ou Teresa de Lisieux, religiosa católica que viveu no século XIX. Ao longo de sua vida, Teresa escreveu muitas cartas, poesias, peças teatrais e sua autobiografia, assim, buscou-se analisar se os relatos da autobiografia de Teresa de Lisieux colaboram com as afirmações da Logoterapia acerca do tema da liberdade da vontade. A Logoterapia possui três bases: a vontade de sentido, o sentido da vida e a liberdade de vontade. A última, objeto de estudo desta pesquisa, refere-se à capacidade humana de posicionamento livre e autêntico diante do imutável da vida. A história de Teresa, aqui estudada, possibilitou a observação do conceito de Liberdade da Vontade exercido na concretude de alguém histórico, que se esbarrou com as contingências adversas da vida.

Palavras-Chave: Logoterapia; Liberdade da Vontade; Espiritualidade

ABSTRACT

This work was dedicated to the study of the concept of freedom of will in Logotherapy, a theory created by Viktor Emil Frankl (1905 - 1997), applying it to the story of Maria Francisca Teresa Martin, a Catholic religious who lived in the 19th century. Throughout her life, she wrote many letters, poetry, plays, and her autobiography, it was sought to analyze in her reports whether her life collaborates with the claims of Logotherapy, regarding the theme of freedom of the will. Logotherapy possesses three bases: the will to meaning, the meaning of life, and the freedom of will. The last one, the object of study of this research, refers to the human capacity of free and authentic positioning in face of the immutable in life. Teresa's story, studied here, made it possible to observe the concept of Freedom of Will exercised in the concreteness of someone historical, who came up against the adverse contingencies of life.

Keywords: Logotherapy; Freedom of will; Spirituality

Introdução

Em meados do século XX, surge, em Viena, a chamada terceira escola vienense de psicoterapia. Posterior a psicanálise de Freud e a Psicologia Individual de Adler, a Logoterapia tem como fundador Viktor Emil Frankl (1905 - 1997), professor, neurologista e psiquiatra, que dedicou grande parte de sua vida aos estudos da pessoa humana e ao tratamento psicoterápico.

De origem judaica, Frankl passou pela dolorosa experiência dos campos de concentração nazistas, durante a segunda guerra mundial. Foram três anos em Auschwitz, Dachau e outros campos, como prisioneiro, submetido às torturas, aos trabalhos duros, à fome, ao frio, à morte de muitos companheiros diariamente, etc. onde pôde observar a aplicação de sua teoria anteriormente formulada.

A Logoterapia é definida por Frankl (2019a) como terapia que concentra-se no sentido da existência humana e na busca desse. O que, segundo ele, move a pessoa. O ser humano é "Constituído e ordenado para algo que, simplesmente, não é ele próprio direciona-se para um sentido a ser realizado, ou para outro ser humano que encontra" (FRANKL, 2018, p.11), o que constitui a sua capacidade de autotranscendência. São três as bases da teoria: a vontade de sentido, o sentido da vida e a liberdade de vontade.

Ainda conforme Frankl (2019a), a vontade de sentido corresponde ao princípio de movimento, à motivação primária do homem que o propõe a busca pelo segundo pilar, isto é, o sentido da vida. Uma vontade que não corresponde a impulsos instintivos, ou invenções psíquicas, mas, antes, um anseio genuinamente humano por preencher de sentido a própria existência.

O sentido da vida de cada pessoa é único e irrepetível. Um sentido que não é inventado, mas que precisa ser descortinado e realizado tão somente pela própria pessoa, que também é única, numa situação única, a cada momento de sua existência. Isso em virtude do fato que Frankl coloca: "O sentido de uma pessoa, coisa ou situação não pode ser dado. Tem que ser encontrado pela própria pessoa..." (FRANKL, 2016, p. 32).

O que possibilita ao indivíduo atender à vontade de sentido, isto é, realizar o sentido da própria vida a cada momento é, precisamente, a liberdade da vontade, terceiro pilar e tema deste trabalho, a qual o autor propõe como a capacidade humana de posicionamento livre e autêntico diante do imutável da vida. Este, em todos os âmbitos da constituição da pessoa humana.

A teoria logoterapêutica compreende essa constituição em uma outra tríade. O ser humano, para Frankl (2010), é composto de uma dimensão biológica, uma dimensão psicológica e uma dimensão espiritual (noética), que não está localizada nas outras duas dimensões. A liberdade da vontade, assim como os outros dois pilares, são constituintes desta última, que é concebida como propriamente humana.

O conceito de liberdade, segundo Queiroz (2010) tem sua origem etimológica na palavra latina "Libertas" e é definida no dicionário básico de filosofia como a capacidade de escolher, autodeterminar-se, agir com independência, com autonomia. "Assim, chama-se de livres os homens cuja vontade não depende de outro. Sendo assim, a cada ato responsável e consciente do homem e na sua existência singular, a liberdade se manifesta." (QUEIROZ, 2010, p. 2).

Um tema que permeia a história da humanidade, conforme Queiroz (2010), a liberdade está marcada, desde a antiguidade, como anseio de muitas pessoas comuns, mas também nos campos de estudos de muitos, como Platão, Aristóteles, Agostinho de Hipona, Descartes, Sartre etc. Atualmente, a visão de mundo da teoria frankliana nos possibilita uma atualização dessa discussão que é tão antiga, mas tão atual e que permeia as questões individuais e sociais.

Toda vida humana está submetida às contingências, de um modo ou de outro. As limitações físicas, psíquicas, as condições socioeconômicas adversas, são inúmeras e, muitas vezes, promotoras de sofrimentos, o que, portanto, são de grande importância para a psicologia, inclusive na atualidade, que trabalha com a pessoa humana e tudo o que a integra. Pensar a liberdade da vontade traz também uma possibilidade de resistência, de olhar para além, de posicionar-se responsabilmente diante daquilo que acomete a pessoa, dia após dia.

Pensando na dura realidade dos campos de concentração, por exemplo, Frankl traz o que vivenciou com a própria existência e presenciou na vida de alguns companheiros: “Mesmo num ambiente socialmente tão estreito como este, a despeito destas limitações sociais impostas à sua liberdade pessoal, ainda resta ao homem aquela derradeira liberdade com que, dum modo ou de outro, consegue configurar a sua existência.” (FRANKL, 2010, p. 183).

[...] Não se perde a liberdade de atitude perante uma situação concreta; o que sucede, simplesmente, é que o homem se lhe entrega, numa atitude de desistência. Por muito que lhe tivessem tirado nas primeiras horas de presídio, ninguém conseguiria arrebatá-lo ao homem a liberdade que ele tem para, de um modo ou de outro, e até o último suspiro, assumir uma atitude para com o seu destino. E sempre há um «de um modo ou de outro». (FRANKL, 2010, p. 183)

Diante das dificuldades da vida, importa, diz Frankl (2005) não os temores e ansiedades enquanto tais, mas, na verdade, a atitude que se adota diante deles e é essa atitude que é escolhida livremente.

Neste trabalho, buscaremos analisar se os relatos da autobiografia de Maria Francisca Teresa Martin - também conhecida como Teresa de Lisieux ou ainda, como é nomeada pelos católicos, Santa Teresa do Menino Jesus e da Sagrada Face - colaboram com as afirmações da Logoterapia acerca do tema da liberdade da vontade. Teresa nasceu em janeiro de 1873, em Alençon, na França, e faleceu em setembro de 1897, em Lisieux, aos 24 anos de vida, vítima de tuberculose. Ao longo de sua vida, escreveu muitas cartas, poesias, peças teatrais e sua

autobiografia, que possibilita o conhecimento de sua história e da forma como encarou as contingências.

O ser humano e a liberdade da vontade na Logoterapia

A humanidade tem em si uma complexidade que lhe é própria e que a torna fascinante. Frankl (2011) entende que é primordial, quando se envereda neste campo de estudo, uma visão antropológica e uma filosofia de vida por meio das quais pode-se conceber os fenômenos que envolvem a existência humana. É partindo destes dois pontos fundamentais que uma teoria pode ser compreendida e aplicada.

A despeito de quem é o homem, Frankl (2019a), em meio a seus estudos e, principalmente, em virtude de sua experiência enquanto prisioneiro nos campos de concentração, durante a segunda guerra mundial, descreve-o do seguinte modo: “O ser humano não é uma coisa entre outras [...]. Afinal, ele é aquele que inventou as câmaras de gás em Auschwitz; mas ele também é aquele ser que entrou naquelas câmaras de cabeça erguida, tendo nos lábios o Pai- Nosso ou o *Shemá Yisrael*” (FRANKL, 2019a, p. 155). Essa é, segundo o autor, a verdadeira realidade humana: o indivíduo é ser de escolhas.

E, para explicar como compreende a pessoa humana, em sua teoria, Frankl (2011), utiliza-se de uma definição de Tomás de Aquino que define o homem como *unitas multiplex*. A definição latina diz que a pessoa humana é unidade na multiplicidade, Frankl prefere dizer que é unidade *apesar* da multiplicidade. Com isso, considera que o homem é constituído de uma unidade antropológica — ser indivisível e único — e de uma multiplicidade ontológica — formado por diferentes dimensões.

Sendo o homem essa unidade, defende Frankl (2010), é também totalidade, e, portanto, indivisível. Assim, torna-se incoerente tomar uma das partes e considerá-la como um todo, visto que cairia no reducionismo e limitaria o campo das possibilidades do ser. O psiquiatra utiliza-se de figuras geométricas e aplica ao homem uma ontologia dimensional. A primeira lei propõe a seguinte imagem:

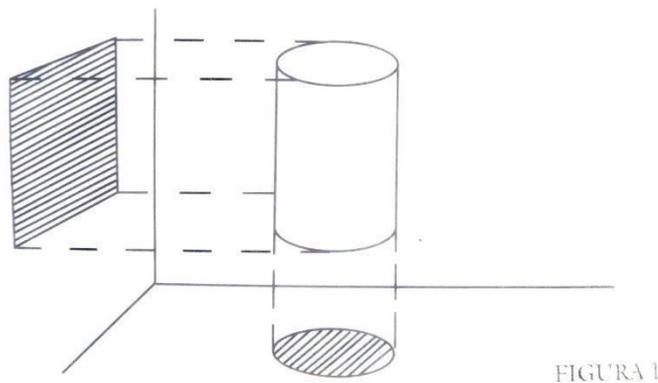


Figura 1. Extraído de: Frankl (2011, p. 34).

Um objeto tridimensional, neste caso um cilindro, suponhamos que fechado em sua parte inferior e com abertura em sua parte superior, como um copo, é projetado em dimensões mais baixas. O que se tem como resultado são duas figuras fechadas e bidimensionais. Ora, se tomada a imagem da projeção como sendo imagem precisa do objeto real, o observador engana-se. Há particularidades no cilindro que não são comportadas nas duas imagens resultantes. Evidentemente, o cilindro tem algo de círculo e algo de quadrado, no entanto, não se pode afirmar que a soma dos dois o forme, necessariamente; tão pouco, pode-se tomar uma das figuras como sendo o objeto inteiro.

Aplicando à humanidade, Frankl (2011) compreende o homem formado por três dimensões, a saber: a biológica, que pode ser representada pelo círculo; a psicológica, representada pelo quadrado; e a noética (espiritual) representada pela abertura superior do cilindro. São, pois, denominadas mais baixas a dimensão biológica e a psicológica. A primeira diz respeito àquilo que está enquanto estrutura, corpo, soma; a segunda se refere à psique, que comporta os processos de aprendizagem, as emoções, as memórias, a atenção, a concentração, o raciocínio, os afetos etc. Apesar de distintas entre si, essas duas dimensões não negam a unidade do homem, que é assegurada na dimensão chamada superior: a espiritual.

Na segunda lei, o autor apresenta o que se segue:

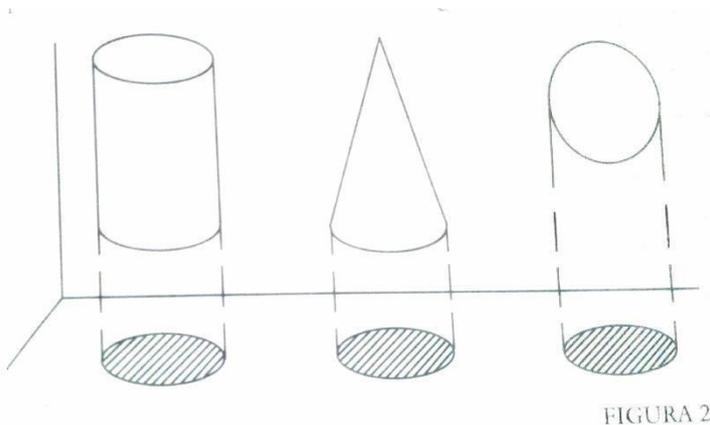


Figura 2. Extraído de: Frankl (2011, p. 35).

Agora, Frankl (2011) toma três objetos distintos entre si e projeta todos numa mesma direção, mais baixa, e o que se obtém enquanto resultado são três círculos semelhantes, fechados e na horizontalidade. A análise das projeções nesta dimensão não torna possível distinguir se o que está acima é um cone, um cilindro ou uma esfera.

Assim, se na primeira lei, o quadrado e o círculo, apesar de distintos, não negam que são projetados de um mesmo cilindro; os círculos da projeção de diversos objetos, numa mesma direção, apesar de semelhantes, não revelam as singularidades dos objetos de origem. Se, portanto, a dimensão biológica do homem e de outras duas espécies animais são analisadas, por exemplo, encontram-se claramente semelhanças no funcionamento destas, apesar dos seres diferentes. De igual modo, pode-se afirmar isso a respeito da conjuntura psíquica.

Não está, pois, na biologia nem nos processos psíquicos o que há de especificamente humano, visto que também os animais são constituídos de um corpo e de uma psique. A pessoa humana possui algo de animal, é fato. Não se pode negar, no entanto, que é mais que isso. Sua capacidade de amar, de julgar a si mesmo, de projetar a vida, de encontrar sentido, de realizar valores, de contrariar-se, está para além do que é animal.

Para elucidar, Frankl (2010) fala de uma aeronave que pode dar voltas no aeródromo como um automóvel. Quem pode negar que há algo de automóvel no avião e que de algum modo pode comportar-se como tal? Entretanto, quando alça voo e sobe às alturas da terceira dimensão é que realiza aquilo para o qual foi criado.

Similarmente, também o homem realiza aquilo que é propriamente humano, quando transcende sua constituição animal que é fechada em si mesma, alçando voo em sua dimensão espiritual, que o diferencia dos animais. Vale ressaltar que o termo espiritual, à priori, na logoterapia, não está vinculado à religiosidade, e que, para não ser confundido, foi gradativamente sendo substituído por dimensão noética ou noológica, por seu fundador, como explica Pereira (2015).

O que nós compreendemos como dimensão noológica se refere a uma conceituação antropológica, muito mais do que teológica. O mesmo também vale para o “logos, no contexto do termo “logoterapia. Além de denotar “sentido”, “logos” aqui significa ‘espírito’ – mas, novamente, sem qualquer conotação religiosa primária. Aqui, “logos” significa a humanidade do ser humano e o sentido de ser humano! (FRANKL apud PEREIRA, 2015, p. 390)

A dimensão dos fenômenos especificamente humanos marca a existência do ser naquilo que lhe é singular, e, em contraposição ao reducionismo, a logoterapia se recusa a reduzi-los a fenômenos sub-humanos ou a deduzi-los destes. (FRANKL, 2015). Esta dimensão, diz Frankl (2011), é precisamente a abertura ao mundo, que permite a autotranscendência, o autodistanciamento, a liberdade, a responsabilidade, o sentido, a consciência, a própria vivência da religião etc.

Em discrepância dos animais, a pessoa humana não é controlada por seus instintos ou pulsões, mas há toda essa dimensão que o faculta, isto é, uma abertura, como o copo citado anteriormente. “Sem dúvida, o ser humano é um ser finito e sua liberdade é restrita. Não se trata de estar livre de fatores condicionantes, mas sim da liberdade de tomar uma posição frente aos condicionamentos”. (FRANKL, 2019a, p. 152).

É com esta visão que, Frankl, (2019a) critica veementemente o que chama de pandeterminismo, ou seja, a afirmação de que o ser humano é “nada mais que” o resultado da soma de sua hereditariedade e do meio em que vive, ou seja, biologia, processos psíquicos e condição social.

O destino pertence ao homem como o que o agarra a força da gravidade, sem a qual lhe seria impossível caminhar. Temos que comportar-nos em relação ao destino como em relação ao chão que nós pisamos; estando em pé; sabendo, entretanto, que esse chão é o trampolim donde nos cumpre saltar para a liberdade. (FRANKL, 2010, p. 120)

O autor continua explicando que o homem, então, não é livre apesar do destino, mas precisamente, por causa do destino. Se a gravidade o prende ao chão, é livre para ficar parado ou caminhar, utilizando-se do chão e da gravidade que o prende a ele. A cada passo dado, de algum modo vence o que lhe prende e limita. Vai deixando para trás o chão. Deste modo, apesar de atravessado pelas contingências, está em seu campo de escolhas dominá-las ou deixar-se ser dominado por elas.

Assim, de acordo com Frankl (2018), o que há de próprio no homem não é aquilo que há de factual, contingente, mas aquilo que está no campo do facultativo. Mesmo que se comporte como dominado por suas contingências, deixou-se dominar por suas próprias escolhas e continua a ter a liberdade enquanto possibilidade.

Pereira (2015), citando Frankl, afirma que “a relação dialética entre destino e liberdade é marcada pela atitude pessoal diante do imutável, defendendo-se a ideia de um homem “co-plasmador” de seu destino, ao invés de meramente vítima deste”. A esta capacidade, o pensador vienense chama de “o poder opositor do espírito” (FRANKL, 2018, p. 138).

Pontuando o que há de factual, Frankl (2005) expõe três formas que a vida apresenta a humanidade aquilo que ele chama de destinos. A primeira refere-se à disposição psicológica; a segunda, à disposição biológica; a terceira, à condição social, ao que lhe é externo.

O destino psicológico é aquele “elemento anímico que contamina a liberdade humana” (FRANKL, 2010, p.130). É equivocado, no entanto, tomar os impulsos, a fraqueza de vontade ou de caráter como absolutos, como se aniquilassem o espaço às ações livres. Os erros na educação na infância, os traumas vividos, as patologias psíquicas não anulam completamente a liberdade. Há sempre algum espaço que permita exercê-la.

No que se refere ao destino biológico, para Frankl (2005), é simples material a configurar, como um artista que modela a matéria bruta. Não é uma negação das limitações físicas, mas uma afirmativa que abre como possibilidade o dispor do corpo, como a vida o permite fazer, e não paralisar diante das dificuldades que lhe afetam.

Pereira (2015), afirma que para a Logoterapia, o destino social, isto é, as determinações do meio no qual o indivíduo está inserido, que ele chama de “condicionamentos irrecusáveis que o ambiente impõe ao homem” (PEREIRA, 2015, p. 393) não é o mais importante, mas necessariamente importa aquilo que o homem faz, sua atitude diante disso.

Segundo Libardi (2008), é característico do ser humano a capacidade de decidir, de agir e, portanto, de responsabilizar-se:

Uma das manifestações da natureza humana é a capacidade de agir com autonomia e responsabilidade, de posicionar-se diante da realidade com autodeterminação. Ser responsável significa assumir decisões e atitudes dentro das circunstâncias concretas da vida, afirmar valores e posicionamentos, a partir de critérios que são identificados pela consciência. (LIBARDI, 2008, p. 129)

Frankl (2019a) colabora na compreensão da liberdade interior ao trazer elementos da vivência nos campos de concentração onde observou as condições psíquicas, físicas e sociais. Os relatos afirmam a presença de diversas pessoas, apesar de serem a minoria, que agiam de

modo heróico frente às condições adversas, que naturalmente tinham respostas como a apatia e a irritação, por exemplo. Destes indivíduos, ele afirma que constituem exemplos notórios de da liberdade do espírito humano, de um agir livre do eu diante de uma situação de aparente absoluto determinismo.

Retirados de suas famílias, de seus trabalhos, de seus meios sociais, despidos de todos os seus pertences, submetidos à violência, ao medo, em condições extremamente precárias de alimentação, higiene, descanso, os prisioneiros recebiam tratamentos sub-humanos. Frankl diz:

“Quem dos que passaram pelos campos de concentração não saberia falar daquelas figuras humanas que caminhavam pela área de formatura dos prisioneiros, ou de barracão em barracão, dando aqui uma palavra de carinho, entregando aqui a última lasca de pão? E mesmo que tenham sido poucos, não deixou de constituir prova de que no campo de concentração se pode privar a pessoa de tudo, menos da liberdade última de assumir uma atitude alternativa frente às condições dadas”. (FRANKL, 2019a, p. 88)

Deste modo, a manifestação do livre-arbítrio se dá por seu exercício consciente nos destinos e não no campo das ideias. É no colocar-se inteiramente diante do que lhe afeta que está a liberdade. Assim, o ser-livre é também ser-responsável por suas escolhas, pelos valores a realizar, pelo sentido a encontrar. Não é, portanto, responsabilidade pelo destino, evidentemente, mas pelo que faz com este.

A liberdade da vontade e os destinos na história de Teresa de Lisieux

Teresa de Lisieux era uma religiosa católica que viveu no século XIX, na França. A mais nova de nove irmãos (quatro morreram ainda crianças), perdeu a mãe, Zélia Martin, com apenas quatro anos de idade e foi educada por suas irmãs mais velhas e seu pai, Luís Martin. Escreveu sua autobiografia (DE LISIEUX, 2011), a pedido das superiores do mosteiro onde ingressou, além das diversas cartas (DE LISIEUX, 2015) que escreveu e dos colóquios (DE LISIEUX, 2002;2015) registrados pelas religiosas, nos últimos meses de sua vida, com comentários das mesmas, e é por meio desses escritos que podemos conceber um pouco daquilo que vivenciou.

A história de Teresa de Lisieux, apresenta-se atravessada pelas questões que constituem a pessoa humana enquanto ser-no-mundo. A isso, não escapam os destinos biológico, social e

psíquico, descritos acima, tão pouco o que Frankl (2011) denominou como tríade trágica: a dor, a morte e a culpa, isto é, o sofrimento. Em sua autobiografia, nas primeiras páginas, ela nos aponta: “encontre-me numa época de minha existência”, últimos anos de vida, “em que posso lançar um olhar sobre o passado; minha alma cresceu no crisol das provações exteriores e interiores”. (DE LISIEUX, 2011, p. 49).

De fato, quem pode negar que é próprio da condição humana a finitude, os sofrimentos, os conflitos, as fragilidades com as quais nos deparamos instante após instante? Evidentemente, aponta Frankl (2019a), não há viabilidade de separar essa realidade do ser, pois sendo o homem uma unidade, não pode ser dividido. Assim, todo ser humano passa, apesar dos modos distintos, por essas questões. Não poderia ser diferente com Teresa.

No decorrer da descrição de sua história, apresenta uma série de acontecimentos, desde o início de sua vida, que revelam os condicionantes que a vida fora lhe manifestando. Muitas foram as perdas que se apresentaram na infância. Aqui vamos enumerar algumas, a começar pelo afastamento de sua família nos primeiros dias de vida, em virtude de uma doença que impedia sua mãe de amamentá-la e da impossibilidade de trazer uma ama-de-leite de confiança que pudesse ficar em casa. Assim, fez-se necessária a saída da menina para a casa de uma ama, aos dois meses de idade, conforme Piat (2018), onde passou até o desmame, com um ano e três meses de idade.

Ao voltar para o lar, sofre a separação da ama que havia tomado como figura materna. Algum tempo depois, desenvolve com sua família, mas de forma particular com sua mãe, uma relação de profundo afeto. É dela que Teresa fala: “era uma mãe incomparável”¹, “amava muito papai e mamãe e lhes testemunhava minha ternura de mil maneiras”² e sua mãe, em uma carta, confirma esse comportamento. Ela diz: “Eis que o bebezinho vem passar sua mãozinha no meu rosto e abraça-me. Esta pobre pequena não quer deixar-me, ela está continuamente comigo; gosta muito de ir ao jardim, mas se não estou lá, ela não quer ficar e chora até ser levada a mim”.³

¹ DE LISIEUX, 2011, p. 52

² Ibid, p. 52.

³ Ibid, p. 53.

Aos quatro anos e meio de idade, a criança que era “muito expansiva”⁴ e “alegre”⁵ se depara com a morte de sua mãe, em virtude de um câncer de mama, e torna-se triste por um longo período. Em relação à morte de sua mãe, relata em sua autobiografia: “verdadeiramente tudo me sorria na terra, encontrava flores em cada um de meus passos e meu feliz caráter contribuía também para tornar minha vida agradável; mas um novo período ia começar para minha alma, devia passar pelo crisol da provação e sofrer desde a minha infância”⁶.

E continua “[...] a partir da morte da mamãe, meu feliz caráter mudou completamente, eu tão viva tão expansiva, me torno tímida e mansa, excessivamente sensível. Bastava um olhar para me fazer derreter em lágrimas [...] não podia suportar a companhia de pessoas estranhas e não encontrava minha alegria senão na intimidade da família.”⁷.

Esse retraimento e dificuldade de relacionamento evidencia-se mais claramente quando é mandada para estudar num internato, aos oito anos e meio de idade, como suas irmãs haviam feito anteriormente. “[...] os cinco anos que passei aí foram os mais tristes de minha vida [...] A pobre florzinha fora habituada a mergulhar suas raízes numa *terra escolhida*⁸, feita expressamente para ela, também lhe pareceu muito duro ver-se no meio de flores de todas as espécies [...]”⁹

Ela descreve que ainda interna, uma de suas colegas de classe sentia ciúmes por ser ela “quase sempre a primeira da classe e querida de todas as religiosas”¹⁰ e por isso lhe fazia sofrer. O posicionamento de Teresa frente a essa circunstância era levado pelos seus sentimentos, como vemos em suas palavras: “Com minha natureza tímida e delicada, não sabia defender-me e me contentava em chorar sem dizer nada [...] não tinha bastante virtude para elevar-me acima dessas misérias da vida e meu pobre coraçãozinho sofria muito”¹¹. E chegou a tal ponto de não suportar que pediu para ser educada em casa, o que foi atendido por sua família.

O choro constante, a timidez, a dificuldade de relação com as pessoas fora do seio familiar, a dependência da presença dos parentes são características constantes nesse período da vida de Teresa e apresenta-se de forma acentuada quando sua irmã Paulina, a quem havia

⁴ Ibid, p. 52.

⁵ Ibid, p. 57.

⁶ Ibid, p. 65.

⁷ Ibid, p. 68.

⁸ Grifo da autora

⁹ Ibid, p. 84

¹⁰ Ibid, p. 84

¹¹ Ibid, p. 84

tomado por mãe, após a morte de Zélia Matin, resolve ir para um mosteiro, quando ela tinha apenas 9 anos. Foi, segundo ela, uma “dolorosa provação que veio a partir o coração da pequena Teresa”¹².

Compreendia que Paulina iria deixar-me para entrar num convento, compreendia que ela não me esperaria e que eu iria perder minha segunda Mãe! Ah! Como poderia dizer a angústia do meu coração? Num instante compreendi o que é a vida; até então eu não a tinha visto tão triste, mas ela me apareceu em toda sua realidade, vi que ela não era senão sofrimento e separação contínua.”. (DE LISIEUX, 2011, p. 89)

Com uma saúde psíquica muito frágil, após ser marcada por importantes separações e perdas afetivas, Teresa manifesta durante boa parte de sua infância e adolescência uma sensibilidade excessiva, que a fazia chorar por coisas mínimas. Essa desorganização psicológica afetou sua vida de forma profunda e desembocou naquilo que ela chama de “doença estranha”, que posteriormente foi colocado por Meester (2018) como uma neurose.

Acometida de constantes dores de cabeça que perduraram por alguns meses, após essa separação, diz: “Fui tomada por uma tremedeira estranha [...] nada pôde diminuir a minha agitação que durou a noite inteira”.¹³ Os sintomas da patologia foram além: falava e comportava-se de forma desconexa à razão; delirava e muitas vezes parecia desmaiada, apesar de ouvir tudo o que se conversava em torno dela. Tais sintomas duraram uma semana e os médicos não sabiam explicar a origem de tudo aquilo que se passava com a menina, considerando o caso muito grave, a ponto de cogitarem a morte como possível consequência.

Após esse período, Teresa descreve sua cura e a atribui à Nossa Senhora, considerada pelos católicos como Mãe. No entanto, somente uma cura parcial, como ela própria afirmou. Os pensamentos neuróticos permaneceram se manifestando naquilo que ela chama de escrúpulos. Considerava grande parte de suas ações pecaminosas, fazendo-a sofrer grandes tormentas e tristezas. “Chorava e depois chorava por ter chorado”¹⁴ como descreve. Isso se prolongou por um ano, até o fenômeno que ela define como milagre de Natal.

No Natal que antecedeu seu aniversário de treze anos, a menina esperava com grande entusiasmo receber os tradicionais presentes que eram colocados pelo pai nos sapatinhos da lareira, mas ao ouvi-lo falar a sua irmã que “felizmente é o último ano”, sofreu. Subiu as escadas seguida de sua irmã que esperava vê-la se derramar em lágrimas, como era recorrente acontecer,

¹² Ibid, p. 89

¹³ Ibid, p. 92

¹⁴ Ibid, p. 123

e, de fato, as lágrimas estavam em seus olhos. No entanto, a própria Teresa descreve: “Teresa não era mais a mesma... reprimindo minhas lágrimas, desci rapidamente a escada e comprimindo as batidas do meu coração, peguei meus sapatos e colocando-os diante do papai, tirei *alegremente*¹⁵ todos os objetos, tendo o aspecto de feliz.”¹⁶

A fala do pai de Teresa é muito significativa, marca para ela um questionamento da própria vida. Encontra-se na passagem da infância para a adolescência e apesar disso, por ser a mais nova, afirma que sua irmã Celina quer continuar a tratá-la como um bebê, também seu pai, em outros momentos, manifestava grande contentamento ao vê-la feliz com essas “inocentes alegrias” (LISIEUX, 2011, p. 124). Teresa não fugia desse lugar, mas a fala de seu pai a convida a assumir a vida de forma livre e responsável, a ultrapassar a infância e assumir uma outra postura diante da vida.

“Jesus, o doce pequeno Menino de uma hora, mudou a noite de minha alma em torrente de luz... nessa noite em que Ele se fez fraco e sofredor por meu amor, fez-me forte e corajosa, vestiu com suas armas (...) recebi a graça de sair da infância, numa palavra a graça da minha completa conversão”. (LISIEUX, 2011, p.124)

“Forte e corajosa” é o que afirma, identificada com quem se fez fraco e sofredor, no Natal. Teresa descreve algo que é próprio da humanidade e que está estreitamente ligado ao acontecimento relatado: a autotranscendência, isto é, transcender a si mesmo em direção a alguém a quem amar, a alguma causa pela qual lutar, a um Deus a quem servir. Somente quando sai de si é que o ser humano realiza-se, afirma Frankl (2016).

Descreve que naquela noite sentiu o amor divino entrar em seu coração e o anseio de retirar de si o olhar para voltá-lo para os outros. Isto torna-se bem demarcado na postura de Teresa quando decide descer a escada ao encontro de seu pai, que estava na sala junto aos sapatos de Natal.

A hipersensibilidade estava ainda presente, o desejo de chorar e de concentrar-se nesse sentimento ainda permaneciam. Pode-se perceber, no entanto, como a vontade de Teresa, antes fraca e levada pelos sentimentos, atua com maestria nessa ocasião: “reprimindo as lágrimas, comprimindo as batidas do meu coração, peguei meus sapatos, tirei *alegremente* os objetos”. Ela emprega uma sucessão de verbos que revelam uma atitude autêntica de liberdade diante do

¹⁵ Grifo da autora

¹⁶ Ibid, p. 125

que estava sentindo. Após este fato, ela diz: “desde essa noite bendita, não fui vencida em nenhum combate, mas pelo contrário marchei de vitória em vitória e comecei, por assim dizer, uma corrida de gigante.”¹⁷

Alguns fatos que colaboram nessa sua definição podem ser vistos ao longo de sua autobiografia e de outros escritos. Quando já estava no Carmelo, mosteiro que ingressou aos quinze anos de idade, ao se aproximar do dia de professar os votos e tornar-se definitivamente monja, foi tomada de grandes dúvidas, temores e pensava em deixar o lugar, porque, naquele momento sentia não ser a sua vocação. Sua grande questão, pois, era contar a mestra as confusões que sentia dentro de si, porque tinha muito medo.

Assim, ela diz:

Parecia-me que se dissesse meus temores à minha mestra ela ia impedir-me de pronunciar meus santos votos, no entanto, preferia fazer a vontade de Deus e voltar para o mundo a ficar no Carmelo fazendo a minha; fiz pois sair minha mestra e cheia de confusão lhe disse o estado de minha alma. (DE LISIEUX, 2011, p. 186)

Logo após falar sobre os temores, diz que a confusão cessou e, no dia seguinte, fala: “senti-me inundada de um rio de paz e foi nessa paz “ultrapassando todo sentimento” que pronunciei meus santos votos...”¹⁸

Nos meses finais de sua vida, uma conversa com sua irmã mostra esse empenho de ultrapassar os sentimentos, nos comportamentos realizados: “Vejo que você está muito angustiada! E, entretanto, a um mês dizia-me coisas lindas sobre a morte de amor” ao que ela responde: - “mas o que eu lhe dizia diria novamente” (DE LISIEUX, 2015, p. 1166).

Relata também à sua irmã que fazia grande esforço para cumprir certas tarefas. Tinha pavor de aranhas, mas tendo como função limpar certos lugares, o fez com afincamento sem revelar às companheiras o que sentia. Isso era tão forte que surge como um problema, num momento muito agudo da doença que veio a tirar-lhe a vida, quando estava muito fraca, ela dizia: “No estado de fraqueza em que me encontro, o que seria se visse uma aranha bem grande sobre nossa cama?” (DE LISIEUX, 2015, p. 1170).

¹⁷ Ibid, p. 124

¹⁸ Ibid, p. 186

Observa-se, na história narrada por ela, que, quando estava em meio a doença que lhe acometera na adolescência, há uma decisão determinada de dominar seus afetos, seus sentimentos, seus impulsos e que isso contribuiu fortemente para o exercício da liberdade interior. Ela diz: “É verdade que eu desejava a graça de ter sobre minhas ações um domínio absoluto, de ser delas a senhora e não a escrava.”¹⁹. É esse um exercício muito presente em seus comportamentos: ser senhora de si. A liberdade está também nessa questão: fazer o que sua consciência pedia, apesar do medo ou de qualquer outro sentimento avesso.

Frankl (2010) aponta que, nem de longe, o espiritual da pessoa humana deve se deixar conduzir pelo estado anímico, nem mesmo em casos patológicos, onde as forças contrárias são mais fortes. Para essa atitude, o autor afirma ser necessário a reconciliação com o destino que lhe acomete e não a rejeição deste. Ou seja, é preciso que o indivíduo seja capaz de reconhecer suas fragilidades e olhar precisamente para o que lhe é possível fazer de sua existência.

É propriamente isto que podemos visualizar na história de Teresa, ela encontrou na espiritualidade uma forma de seguir adiante. De acordo com Carrara (2016), a espiritualidade é uma força motriz de crescimento e cura, uma vez que, coloca a pessoa em movimento para fora de si mesma.

A saúde psíquica que a espiritualidade permite alcançar, segundo a Logoterapia, é aquela que ajuda a pessoa a se encontrar consigo mesma, favorecendo outro olhar sobre seu passado, sua situação atual e sobre o mundo à sua volta. A espiritualidade postula sempre o encontro com a transcendência, no mais profundo do próprio eu, ou seja, na imanência, modificando a relação da pessoa com o mundo e os outros. (CARRARA, 2016, p. 80)

Nesse sentido, o autor pontua que a saúde psíquica não é decorrente de um toque de varinha mágica, mas, na verdade, engaja a liberdade e a responsabilidade da pessoa, que decide, guiado por uma espiritualidade, dar um outro direcionamento à sua vida.

Pode-se ainda observar que nossa personagem, como é característica humana, é ser social e, em virtude disso, sua existência é atravessada pelas leis e relações do meio em que está inserida. “Por um lado, o organismo social como um todo, condiciona-o; por outro lado, e simultaneamente, o indivíduo é orientado para se ajustar ao referido organismo.” (FRANKL, 2019a, p. 136). Sua escolha, no entanto, afirma, não são regidas totalmente, antes passam pelo

¹⁹ Ibid, p. 121

crivo da liberdade interior que possibilita ao ser decidir o que fazer com aquilo que lhe esbarra socialmente. Há, pois, uma margem que torna incerta a resposta de cada um diante do meio em que vive.

Aos quinze anos de idade, Teresa de Lisieux decide que quer entrar na Ordem do Carmelo, comunidade religiosa de clausura. As normas, porém, somente autorizavam o ingresso a partir dos dezesseis anos. Muitos de sua convivência também consideravam precipitada tal decisão e outros eram claramente contrários a isto. Ela, no entanto, continuou mesmo assim. Na tentativa com o mosteiro, para a entrada antes do período permitido, teve seu pedido negado pela primeira vez, o Padre responsável não consentiu. Uma oposição “invencível”, afirma a jovem. Em seguida, dirigindo-se a uma autoridade superior, o Bispo, recebeu também uma resposta não favorável; então, numa última esperança, saiu da França e foi ao Vaticano buscando, por fim, o Papa, maior autoridade da Igreja Católica, “era dele que minha vocação dependia”. De modo semelhante, não recebeu o sim desejado.

Esses momentos de contingência social trouxeram-lhe grandes sofrimentos. “Deus quis enviar-me um martírio bem doloroso”²⁰. “Minha alma estava mergulhada de amargura”²¹. As negativas recebidas, os sofrimentos, as lágrimas, não impediram Teresa de empreender toda sua vontade para realizar o que entendia como sua missão: ser carmelita.

Desde a mais tenra idade, Teresa está cercada de exemplos e de uma educação que lhe apontam o amor a Deus como fim último da vida e que, portanto, deve nortear cada ação de sua existência, como o faziam seus pais com grande zelo, conforme Piat (2018), o que claramente marcou sua vida.

Ao ouvir sua irmã explicar o que era a vida no Carmelo, diz ter sentido com grande força que aquela era a vontade de Deus para ela, isto é, o lugar onde poderia amá-LO e servi-LO com maior perfeição, onde realizaria suas mais altas aspirações. É enfática ao dizer que quer ser carmelita “por Jesus só”²². Tal afirmação é carregada de significados. Amar a Jesus, não é limitante, ao contrário, Teresa abre as portas para uma busca constante de amar os outros, suportar os sofrimentos impostos pela vida, enfim, fazer o que ela entendia como sendo a vontade divina.

²⁰ Ibid, p. 137

²¹ Ibid, p. 147

²² Ibid, p. 90

As narrativas desses fatos falam de firmes decisões, ultrapassando todos os medos. Ela diz: “Sem perder a coragem, eu mesma fui com Papai e Celina²³ ao nosso padre, a fim de tentar convencê-lo”.²⁴ “Iria até o Santo Padre se não quisesse permitir-me entrar no Carmelo”. “... minha única tábua de salvação era a permissão do Santo Padre, mas para obtê-la era preciso pedi-la, era preciso diante de todo mundo ousar falar ao Papa. Esse pensamento me fazia tremer, o que sofri na audiência só Deus sabe.”. Assim o fez!

Tendo realizado tudo o que poderia fazer, apesar de triste, “sentia uma grande paz” e aceitou como sendo essa “a vontade de Deus”. O destino social de Teresa é esse: apesar de todos os esforços, não poderia, naquele momento, realizar o que desejava, visto que as regras estabelecidas não lhe permitiam. No entanto, eis o posicionamento livre e autêntico: fala claramente que decidiu fazer do tempo fora dos muros do Carmelo, oportunidade para amar a Deus e servir aos outros com grande dedicação nas coisas mais simples que a vida lhe apresentava. “Primeiro me veio o pensamento de não mais me preocupar em viver uma vida tão bem regrada cujo hábito eu não tinha, mas logo compreendi o preço do tempo que me era oferecido e resolvi entregar-me mais do que nunca a uma vida séria e mortificada.”²⁵

Meses depois pôde realizar o que havia pedido com tanta insistência. Porém, de modo mais abrangente, é singular visualizar que numa sociedade francesa pós-revolução, onde se sobressai a oposição aos ideais religiosos, e mesmo sem o apoio de grande parte daqueles que a cercavam socialmente, Teresa prosseguiu.

E, se a pobreza não era bem quista, mesmo sendo de família com estabilidade financeira muito positiva, podendo oferecer-lhe conforto, como de fato oferecia naquele momento, ela decidira entrar numa ordem mendicante, abandonando tudo aquilo que lhe pertencia e toda a comodidade que possuía. Em relação à vida que ela e sua irmã possuíam, enquanto ainda permaneciam na casa do pai, ela narra: “Gozávamos juntas da vida mais doce que duas moças poderiam sonhar, tudo, em volta de nós respondia a nossos gostos [...] enfim, eu dizia que nossa vida era na terra o ideal da felicidade”. (DE LISIEUX, 2011, p. 135).

Um outro ponto importante se dá nas relações sociais mais cotidianas que descreve na vida comunitária, já do mosteiro. Constantemente, diz a religiosa, contrariava-se, na busca de realizar o que a consciência pedia e não o que o encontro com outras pessoas despertava em

²³ Irmã de Teresa

²⁴ Ibid, p. 140

²⁵ Ibid, p. 170

seus sentimentos. É o que pontua Cavalcante (2014), grande estudioso da vida de Teresa, ao falar dos impasses vividos por ela na prática do amor fraterno com suas irmãs da comunidade, fruto de um processo compassado de tomada de consciência e de exercício. Segundo ele, a santa não possui cerimônia em confessar a sua Madre a respeito das dificuldades que passou relatando que o amor dedicado aos outros nem sempre era fácil de ser realizado.

Uma situação que possibilita constatar tal afirmação visualiza-se na relação com uma companheira de mosteiro que, segundo Teresa, muito a desagradava. Ela expressa: “em todas as coisas, suas maneiras, suas palavras, seu caráter, me pareciam muito desagradáveis” e despertava tão intensos sentimentos que, quando percebia a possibilidade de perder o controle de si, “fugia como um desertor”²⁶, mas sempre dedicava-se a vencer-se, como explica: “por isso, não querendo ceder à antipatia natural que sentia, disse a mim que a caridade não deveria consistir nos sentimentos, mas nas obras, então, apliquei-me a fazer por essa irmã o que teria feito para a pessoa que mais amo. Cada vez que a encontrava rezava a Deus por ela.”²⁷. Isso aconteceu de tal forma que Teresa relata uma conversa com essa irmã: “Um dia na recreação, ela me disse mais ou menos essas palavras com um ar muito contente: ‘poderíeis-me dizer-me, Ir Teresa do Menino Jesus, o que vos atrai tanto para mim, a cada vez que me olhais vos vejo sorrir?’”²⁸.

Em outra circunstância, quando retiravam seus instrumentos de trabalho do lugar, revela: “a paciência está bem perto de me abandonar e devo tomar minha coragem com as duas mãos para não reclamar com amargura”. (DE LISIEUX, 2011, p. 252). Não reclamava, como afirma, e, quando necessário era o objeto para a realização de seu ofício, pedia solicitamente sem revelar o seu descontentamento.

Vê-se que não é omissão ou passividade o que a conduz, mas sim um comportamento coerente com a consciência, visto que quando necessário falar sobre os defeitos de alguma irmã a fim de ajudá-la, Teresa o fazia. Na posição de formadora das noviças²⁹, por exemplo, compõe sua responsabilidade a correção e orientação destas. Cavalcante pontua, num exemplo, a forma necessária e afetuosa com a qual ela adverte uma das formandas: “Falou sobre tudo o que pensava sobre uma irmã, mas com palavras tão ternas, com a cabeça apoiada em seu coração,

²⁶ Ibid, p. 249

²⁷ Ibid, p. 249

²⁸ Ibid, p. 249

²⁹ Religiosas em estágio inicial.

com lágrimas na voz. Assim, a irmã uniu-se a ela nas lágrimas.” (CAVALCANTE, 1997, p. 99). Em razão dessas e outras questões, diz sua irmã que não se via imprudência em sua conduta; todas as suas condutas eram marcadas pelo domínio que possuía de si mesma, de suas ações. (DE LISIEUX, 2002).

Não está no campo das possibilidades definir o comportamento dos indivíduos que a circundam nem o que sente nessas condições, pode, no entanto, dominar a si mesma, isto é, decidir o posicionamento diante do que é imposto. O exercício da liberdade da vontade na conjuntura social, conforme Frankl (2019a), portanto, não depende da adaptação das estruturas da sociedade ou de outras pessoas aos desejos e aspirações de um indivíduo. É inviável pensar numa liberdade assim, visto que nós, enquanto seres distintos, não buscamos os mesmos objetivos, não queremos as mesmas coisas. A liberdade entendida assim é uma ideia que sucumbe a si mesma. Ela está, portanto, não na realização dos desejos de cada um, mas sim no domínio de si diante das circunstâncias, isto é, nas decisões autênticas que o indivíduo assume frente às realidades impostas.

O próprio autor da Logoterapia nos atesta essa conjuntura ao revelar que nos campos de concentração, onde a liberdade exterior do homem foi usurpada, era possível visualizar que a pessoa pode agir fora do esquema: “Há suficientes exemplos, muitos deles heroicos, que demonstraram ser possível superar a apatia e reprimir a irritação; [...] continua existindo, portanto, um resquício de liberdade do espírito humano, de atitude livre do eu frente ao meio ambiente.” (FRANKL, 2019a, p. 88).

Não há, segundo o autor, uma perda da liberdade de ação diante da concretude. Pode, porém, o homem desistir e deixar-se conduzir. Falando de suas experiências nos campos de concentração continua:

Por muito que lhe tivessem tirado nas primeiras horas de presídio, ninguém conseguiria arrebatar ao homem a liberdade que ele tem para, de um modo ou de outro, e até o último suspiro, assumir uma atitude para com o seu destino. E sempre há um de um modo ou de outro. (FRANKL, 2010, p. 140).

Do ponto de vista biológico, desde a concepção do ser, está ali determinada suas características. De acordo com Frankl (2019a), o homem é em primeiro plano condicionado no seu “ser-assim” corpóreo. Ele foi procriado, ou seja, foram seus pais que determinaram a sua existência e disso decorrem suas predisposições biológicas. Teresa experienciou isso no

decorrer de toda sua vida. Não há poder de escolha quanto à cor do cabelo, dos olhos, da pele; a altura, o tipo sanguíneo e até mesmo predisposições às doenças que podem ser transmitidas hereditariamente. Nos deteremos aqui ao momento mais desafiador e crítico nesses termos, isto é, a doença que culminou em sua morte aos vinte e quatro anos de idade.

Um ano antes de sua morte, Teresa, descreve os primeiros sintomas: “... apenas tive tempo de pôr minha cabeça no travesseiro que senti como uma onda que subia, subia fervilhando até meus lábios” (DE LISIEUX, 2011, p. 233). Irmã Teresa estava com tuberculose, doença sem cura, na época, e que, então, se manifestava em seu corpo. Não se recusava a tomar os remédios nem se submeter aos tratamentos apesar do aumento do sofrimento que estes lhe causavam.

Sua irmã descreve suas condições meses depois:

Estava bem mais doente e tinha os pés inchados desde a véspera. Não podíamos fazer o menor movimento ao seu redor, como por exemplo, mexer um pouco a cama e sobretudo tocá-la sem fazê-la sofrer muito, de tão fraca que estava. Não supúnhamos que chegasse a tal ponto. (DE LISIEUX, 2015, p. 1198)

Gemia de dor e cansaço, mas não reclamava dos sofrimentos, apenas queria poupar aos outros o sofrimento de vê-la assim, então, num momento de grande tormenta, “olhou a Ir. Maria do Sagrado Coração e deu-lhe um sorriso encantador.” (DE LISIEUX, 2015, p. 1198). Quando lhe exprimiam a dor que sentiam por vê-la em tal situação, ela lhes disse: “Ao redor de doentes é preciso ser alegre: ora não se deve lamentar-se como pessoa sem esperança”. E com um ar um pouco maroto: “vocês vão acabar por me fazer lamentar a vida”. Ao que sua irmã respondeu: “Seria muito difícil!”. “É verdade! disse isso para pôr medo em vocês.” (DE LISIEUX, 2015, p. 1200).

Quando questionada se era triste por sofrer tanto, afirma que absolutamente não, pois conservava na alma uma grande paz e que Deus não lhe dava sofrimentos maiores do que aqueles que ela podia suportar.

Há meses sem conseguir comer, Teresa tomava somente leite e, cada vez que a doença avançava, as forças iam findando. Respirar era cada vez mais difícil e cada vez que tossia mais dor sentia. Sua irmã relata:

À tarde lhe trocamos a túnica e ficamos impressionadas com sua magreza, pois o rosto havia permanecido o mesmo. Fui pedir a Nossa Madre para vir ver suas costas.

Demorou muito e fiquei admirada com o ar tão doce e tão paciente de nossa pobre doentinha, esperando. Nossa Madre ficou dolorosamente surpresa e disse com bondade: “O que significa uma menininha tão magra?” ao que ela respondeu: um “queleto”³⁰! (DE LISIEUX, 2015, p. 1202)

O sofrimento chegou a tal ponto que disse à superiora:

Esteja atenta, minha mãe, quando tiver doentes que sofram dores assim tão violentas, para não deixar de modo algum medicamentos venenosos perto delas. Asseguro-vos que, quando se está sofrendo a tal ponto, um momento é suficiente para fazer perder a cabeça. E então a doente seria bem capaz de se envenenar. (DE LISIEUX, 2015, p. 1248)

Percebe-se, porém, que, apesar de todos os sofrimentos físicos que lhe foram apresentados pela vida, foi capaz de subir acima de suas dores e realizar ações inesperadas. “Teresa sofreu tudo com calma e por amor. Mesmo no meio das dores e das trevas, ela continuou escrevendo para edificar, orientar e consolar” (CAVALCANTE, 2014, p. 50). O sorriso, a brincadeira, o consolo às outras, a paciência são indicativos de atitudes conscientes e responsáveis que contrastam com a dor que padece.

É importante, conforme Frankl (2011), para esse posicionamento, a capacidade de autodistanciamento, isto é, o heroísmo e o humor. Isso fala da virtude de afastar-se não somente das situações, mas de si mesmo. O heroísmo é suportar e enfrentar corajosamente as dificuldades e o humor a capacidade de rir das situações que lhe acomete, inclusive daquilo que o faz sofrer. Assim, coragem e humor são atributos importantes para o agir livre.

Teresa relata a compreensão da necessidade de agir corajosamente diante dos sofrimentos a fim de suportá-los e superá-los. Numa situação onde acabara de passar por dificuldades nas relações com outras pessoas, confidenciou: “Combati, sim, com... estou muito cansada! mas não temo a guerra. É a vontade do bom Deus que eu lute até a morte!” (DE LISIEUX, 2015, p. 1081).

O humor também é uma constante na vida dela e não se ausenta nos momentos de maiores dores, o que colabora, conforme aponta o Frankl (2011), para que o indivíduo olhe além. Tinha fama de alguém que fazia rir, a quem se aproximava, com brincadeiras envolvendo sua própria situação, imitando outras pessoas etc.

³⁰ Para se referir à palavra “esqueleto”.

Um fato chama atenção: Dias antes de sua morte, presenciou uma conversa entre a superiora do mosteiro e o médico, que tratava da ausência de espaço no cemitério do Carmelo e da necessidade de mudar de cemitério, ao que Teresa respondeu rindo: “Então sou eu, quem vai estrear esse cemitério novo?” [...] mas se o buraco for muito fundo, ficarei preocupada porque poderia acontecer algum mal àqueles que me descerem” E, com tom de brincadeira, prosseguiu: Já estou ouvindo os empregados da funerária dizendo: não puxe tanto a corda desse lado! e um outro que responde Puxe para lá! Devagar, cuidado! E por fim, pronto! Jogam terra sobre o meu caixão e todo mundo vai embora.” (DE LISIEUX, 2015, p. 1248).

Depende, afirma Frankl (2019a), de como o indivíduo assume esses destinos a descoberta do sentido da vida. Um sentido que é intrínseco ao existir, não dependendo das circunstâncias, mas precisamente sendo encontrado também nos momentos de maiores sofrimentos, até o último instante da vida.

Liberdade e o Sentido da vida

Frankl (2011) fala de uma estreita ligação entre a liberdade e o sentido da vida, tema tão importante em sua teoria. O indivíduo é ser de sentido, afirma. Assim, para ele, o ser é livre para realizar valores e encontrar o sentido da própria existência, não somente de forma geral, mas, precisamente em cada situação em particular por meio do "órgão de sentido" que é a consciência.

A consciência, na logoterapia, é compreendida como constituinte da dimensão noética, portanto, propriamente humana. Assim, limitada e falível, pois não é onisciente, no entanto, é a via pela qual se capta e realiza o sentido, de modo intuitivo. É, para Frankl (2010), esse o meio que o homem dispõe e, apesar da possibilidade de falha, não está dispensado de obedecê-la para chegar a descobrir o significado daquilo que vive, que é o que lhe move.

“Sentido é o que tensiona, seja por uma pessoa que me pergunta, seja por uma situação que encerra uma pergunta e clama por uma resposta. A busca do indivíduo por sentido é a motivação primária em sua vida, e não uma “racionalização secundária de impulsos instintivos”. Esse sentido é exclusivo e específico, uma vez que precisa e pode ser cumprido apenas por aquela determinada pessoa. Somente então esse sentido assume uma importância que satisfará sua própria vontade de sentido. (FRANKL, 2011, p. 81)

Quando a vida questiona, afirma o autor, o ser é livre para dar a resposta responsável e consciente devida, visto que a liberdade é apenas um lado do qual o outro é a responsabilidade. É exatamente nesse aspecto que o sentido da vida se revela. O significado de cada acontecimento, diante de uma atitude autenticamente humana, expõe-se e, desse modo, atrai o indivíduo para a plenitude de sua existência, aquilo que “deve ser”. Assim, a liberdade traz consigo a responsabilidade de buscar fazer o existir chegar a completude.

Esta tensão entre o “ser” e o “dever ser”, quando encarada, causa um movimento denominado na logoterapia de noodinâmica. A pessoa humana tem em si as potencialidades dos atributos propriamente humanos, no entanto, é preciso torná-las atos. Tornar real o que é potencial é o “dever ser” da humanidade, isto é: não somente ter potencialidade de agir livremente, mas agir livremente diante das contingências; não somente ter capacidade de autotranscender, mas autotranscender em direção ao mundo, ao sentido da vida. É essa tensão, essa busca que deve mover a existência de cada indivíduo. Afirma o psiquiatra:

O que o ser humano realmente precisa não é de um estado livre de tensões, mas antes a busca e a luta por um objetivo que valha a pena, uma tarefa escolhida livremente. O que ele precisa não é a descarga de tensão a qualquer custo, mas antes o desafio de um sentido em potencialidade. (FRANKL, 2019a, p. 61).

Vale ressaltar que na busca de realizar o sentido, a tomada de consciência dessa realidade também corrobora fortemente para que o sujeito se posicione e aja livremente diante das circunstâncias apresentadas pela vida, até mesmo nas mais adversas. Logo, liberdade e sentido da vida dão subsídios à pessoa humana. Assim, Frankl (2019a) cita Nietzsche: “Quem tem um *por que* viver (um sentido, um ideal) suporta quase qualquer como”. Isso nos fala da capacidade humana de, em razão de um sentido, utilizar-se de sua liberdade para realizá-lo, elevando-se acima das intempéries apresentadas.

Quando nos deparamos com a história de Teresa, a vemos falar de um “porquê”, do ideal que almeja, o seu “dever ser”, o objetivo escolhido de forma livre, aquilo que a consciência lhe impele a fazer: “sempre desejei ser santa”. “Eu quero tornar-me santa. Um dia destes li alguma coisa de que gostei muito. Eu não me lembro qual o santo que disse isso, mas o conteúdo era: eu não sou perfeito, mas quero tornar-me” (DE LISIEUX apud MEESTER, 2018, p. 51).

Ser santa para ela quer dizer: “[...] fazer a Sua (Deus) vontade”. Isso liga-se ao que Frankl pontua quando diz que a consciência para a pessoa religiosa é a divindade. Assim, a

consciência, a qual livremente o homem deve responder, para Teresa, não é algo, nem é ela mesma, mas um outro alguém, isto é, Deus. Desse modo, vê-se que a busca que emprega é o cumprimento do que lhe diz a consciência, o que pode, portanto, fazer encontrar sentido.

Compreendi que para tornar-se uma santa era preciso sofrer muito, buscar sempre o perfeito e esquecer-se de si mesma, compreendi que havia muitos graus na perfeição e que cada alma estava livre para responder às iniciativas de Nosso Senhor, para fazer pouco ou muito por Ele, numa palavra, para escolher os sacrifícios que Ele pede. [...] Não quero ser santa pela metade, não tenho medo de sofrer por vós [...] eu escolho tudo o que quiserdes. (DE LISIEUX, 2011, p. 62)

O “ser santa” de Teresa, evidentemente, tem caráter abrangente em sua vida, mas também o têm em caráter momentâneo, que deve ser realizado no momento presente, a cada instante. “[...] buscar sempre o perfeito”, aquilo que corresponde a única resposta correta a ser dada diante da situação que lhe acomete no momento. Isso é o que afirma o autor (2010) ao dizer que ao questionar da vida apenas uma resposta é a correta, apesar das distintas possibilidades. Essas respostas são aquelas realizadas conforme a própria consciência.

Nessas configurações, o sentido pode ser encontrado por meio da consciência:

Quando partimos do princípio de que a consciência moral é um tipo de órgão de sentido da vida, podemos então igualá-la a um guia que vai “apontando” para qual direção temos de nos mover, para qual direção temos de avançar, a fim de nos aproximar de uma possibilidade de sentido cuja realização exige uma situação concreta. Para essa situação, porém, devemos adotar sempre um critério específico, de fato, uma escala de valores. (FRANKL, 2019b, p. 93)

É a partir do que Frankl (2019b), chama de uma “autocompreensão”, desde que a conserve, que o homem pode saber os caminhos pelos quais se aproxima de um sentido. Desse modo, ele pontua, não é preciso entregar-lhe uma prescrição médica, muito menos receitar-lhe um sentido, mas aponta para a possibilidade de descrever o que o homem pode fazer a fim de encontrar o sentido. “Disso sucede o seguinte: há, por assim dizer, três estradas principais que levam ao encontro do sentido.” (FRANKL, 2019b, p. 94).

As estradas são os chamados “universais de sentido”, ou seja, os valores, que são divididos em três categorias: valores de criação, valores vivenciais e valores de atitude. “Ora, o que nos permite compreender o valioso da vida, independentemente da estreiteza das suas

circunstâncias, é precisamente a apreensão de toda riqueza do reino dos valores”. (FRANKL, 2010, p. 81).

Os valores de criação são os serviços realizados em favor de outro. É aquilo que o indivíduo dá ao mundo, o cumprimento do seu dever. Pouco importa, afirma o autor, qual a profissão, qual a magnitude de suas ações, mas precisamente quem a faz e como a faz.

Um homem simples que cumpre as tarefas concretas impostas pela família e profissão é, a despeito de sua vida “pequena” bem “maior” e mais altamente colocado do que por exemplo um “grande” estadista que, com uma penada pode dispor de sorte de milhões de pessoas, mas toma suas decisões sem prestar atenção na consciência. (FRANKL, 2010, p. 81)

É notório, nos relatos de Teresa, a dedicação empregada em realizar os seus deveres com dedicação. Uma situação clara onde podemos ver a religiosa sentir-se questionada pela vida, ela relata em seus escritos. Um dia, viu uma das irmãs de comunidade idosa e doente, que sempre precisava de auxílio para se locomover, e se propôs a ajudá-la, porque as irmãs enfermeiras estavam cuidando de outras doentes. “Tratava-se de seguir a pobre enferma sustentando-a pela cintura, eu o fazia com o maior cuidado que me era possível” (DE LISIEUX, 2011, p. 270), mas ainda escutava muitas reclamações da irmã conduzida. Ao chegar no refeitório, ajudou-a a sentar-se, a arregaçar as mangas do hábito e, mesmo tendo terminado seu serviço, não foi logo embora, vendo a irmã com dificuldade de cortar e colocar o pão em seu prato, dedicou-se a fazer mais esse serviço e ao fim deu-lhe seu “mais belo sorriso”³¹.

Ela continua relatando: “Lembro-me às vezes de certos detalhes que são para a minha alma como brisa primaveril.”³² Esse e outros ofícios que realizou, segundo ela, trouxeram-lhe grande alegria, a ponto de dizer: “Ah! Para gozar mil anos de festas mundanas, eu não teria dado os dez minutos empregados a cumprir meu humilde ofício de caridade”.³³ Aqui, vemos como o serviço prestado lhe cumula de significado, fazendo-a identificar aquele lugar como seu e, não somente isso, a faz ressaltar aos outros tal realidade. Num poema escrito para a Irmã Maria Genoveva, ela diz: “Não te inquietes, ó Maria / Com a lida de cada dia / Nesta vida teu labor / É unicamente o amor” (DE LISIEUX, 2002, p. 129).

³¹ DE LISIEUX, 2011, p. 271

³² Ibid, p. 271

³³ Ibid, p. 271

Em outra oportunidade, a mesma irmã relata: “Recomendava-me, com insistência, que cuidasse das enfermas com amor, que não desempenhasse esse ofício como outro qualquer, mas com todo cuidado e delicadeza como se servisse ao próprio Deus.” (DE LISIEUX, 2002, p. 90).

Os valores de vivência ou experiência, segundo Vázquez (2014), dizem respeito àquilo que é recebido pelo indivíduo do mundo, isto é, a contemplação da natureza, uma experiência com as artes, com a cultura, com a filosofia, com um outro ser humano em sua essência única. Esta última sendo a mais relevante para o encontro do sentido da vida. Essa vivência, na logoterapia, é chamada de amor. “É encontrar outro ser humano e descobrir nele sua singularidade, sua irrepetibilidade, seu ser agora e todas as suas potencialidades que podem levá-lo a se tornar uma pessoa mais plena”. (VÁZQUEZ, 2014, p. 81).

Desde muito cedo em sua vida, experienciou a contemplação da natureza de forma muito marcante:

Sinto ainda as impressões profundas e poéticas que nasciam em minha alma à vista dos campos de trigos esmaltados de centáureas e de flores campestres [...]. O espaço e os pinheiros gigantescos cujos galhos tocavam a terra deixavam em meu coração uma impressão que sinto ainda hoje à vista da natureza... (DE LISIEUX, 2011, p. 64)

Ou ainda, “Eram para mim dias lindos aqueles que meu rei³⁴ me levava à pesca [...] Preferia sentar-se sozinha na relva florida, então meus pensamentos eram muito profundos [...]”³⁵

[...] lembro-me que um dia o belo Céu azul do campo cobriu-se (em nuvens) e que longo o temporal pôs-se a estrondear, os relâmpagos sulcavam as nuvens escuras e vi a certa distância cair o raio, longe de ficar apavorada, estava arrebatada, parecia-me que Deus estava tão perto de mim. (DE LISIEUX, 2011, p. 71)

De forma semelhante, com a música e com a poesia: “Ah! Como era agradável [...] sentar-me com Celina nos joelhos de papai... Com sua bela voz, ele cantava árias que enchiam a minha alma de pensamentos profundos ou então embalando-nos recitava mansamente poesias cheias de verdades eternas.”³⁶

³⁴ Em referência ao seu pai.

³⁵ Ibid, p. 70

³⁶ Ibid, p. 76

Mesmo no retorno à França da viagem à Roma, muito triste por não ter recebido o sim que esperava do Papa, Teresa diz:

A tristeza de minha alma não me impedia de ter grande interesse pelos santos lugares que visitávamos... No percurso, a vista era magnífica, ora íamos ao longo do mar e a estrada de ferro ficava tão perto que me parecia que as ondas chegariam até nós, ora planícies cobertas de laranjais com frutos maduros [...] Ah! que poesia enchia minha alma à vista de todas essas coisas que eu olhava pela primeira vez em minha vida [...] Era sem pensar que as via esmaecer, meu coração aspirava por outras coisas maravilhosas [...] (DE LISIEUX, 2011, p. 167)

A experiência dela com a singularidade da pessoa humana a vemos em sua autobiografia quando se depara com um homem condenado à morte. Teresa ainda estava na adolescência e viu nele um homem capaz de se mover ao arrependimento e ser perdoado por Deus, como ela acreditava. Para isso, empreendeu o esforço de fazer aquilo que a consciência pedia: “Quis a todo custo impedir que caísse no inferno, a fim de consegui-lo empreguei todos os meios inimagináveis.”³⁷ Ofereceu os méritos de Jesus e da Igreja; mandou rezar Missas. Quando viu um sinal de arrependimento do condenado, encheu-se de emoção e de uma atração por colaborar na salvação de outras pessoas.

O que chama atenção na situação acima é a capacidade de perceber naquele homem às portas da morte, algo valioso a ponto de movê-la a dedicar-se por ele. E mais, despertou dentro de si um sentido para a existência que somente ela, em sua singularidade, poderia realizar.

Era uma verdadeira troca de amor; às almas eu dava o sangue de Jesus, a Jesus, eu oferecia essas mesmas almas refrescadas por seu orvalho Divino, assim, parecia desalterá-lo e quanto mais lhe dava de beber, mais a sede de minha pobre pequena alma aumentava e era essa sede ardente que Ele me dava como a mais deliciosa bebida de seu amor. (DE LISIEUX, 2011, p. 127)

Esses dois grupos de valores, segundo Aquino (2014), estão ligados à capacidade humana de sair de si mesmo em direção a outra pessoa ou a um objeto, isto é, a autotranscendência. Já o valor atitudinal está ligado à capacidade de autodistanciamento, que se refere ao afastamento do sofrimento que padece, para uma tomada de decisão livre e autêntica.

³⁷ Ibid, p. 126

Vázquez (2014) explica ainda que os valores de atitude são aqueles que se constituem na experiência da pessoa com seu próprio sofrimento. Também nesse caso é possível encontrar um sentido para a vida. Para a autora, quando há impossibilidade de realizar o trabalho ou os valores de vivência, resta apenas o sofrimento. Ao contrário dos dois primeiros grupos de valores, é mais difícil ao homem encontrar sentido neste último, pois a humanidade não nasce com essa capacidade, mas precisa adquiri-la com a realidade da própria dor.

O que importa, então, é dar testemunho do potencial especificamente humano no que ele tem de mais elevado e que consiste em transformar uma tragédia pessoal num triunfo, em converter nosso sofrimento numa conquista humana. Quando já não somos capazes de mudar uma situação - podemos pensar numa doença incurável, como um câncer que não se pode mais operar -, somos desafiados a mudar a nós próprios. (FRANKL, 2019a, p. 137)

De acordo com Córdoba (2009), é a atitude que a pessoa tem diante da dor e do sofrimento que pode determinar a diferença entre um sofrimento desprovido de sentido e a possibilidade de encontrar sentido na vida através desse sofrimento.

Holanda e Moreira (2010) mencionam, mediante o conceito de autotranscendência em Viktor Frankl, que o homem sempre pode avançar para além das suas dificuldades, desde que encontre um sentido para seguir adiante. Dessa maneira, os autores pontuam que a doença não significa perda ou empobrecimento do sentido. De modo contrário, ela é sempre algo pleno de sentido, desde que possível, e pode, inclusive, representar um ganho existencial.

A doença de Teresa, segundo relata Cavalcante (2014), foi permeada de grandes tormentos. Nos últimos meses, o autor relata que ela sofreu com hemoptises constantes, asfixia, fortes dores no intestino, que se tornaram insuportáveis, a ponto de ter que parar a fala com muita frequência. O pulmão direito, cheio de cavidades, parou de funcionar e o esquerdo ficou comprometido. No entanto, durante os dias que antecederam sua morte, ela permanece a dedicar-se com atenção àquelas pessoas que se aproximavam e destina a elas seu afeto. À uma de suas irmãs as seguintes palavras:

- Meu bem, eu te amo muito!³⁸
- Meu bem é doce, cuida de mim muito bem... eu lhe devolvarei isso!³⁹

³⁸ DE LISIEUX, 2015, p. 1228

³⁹ Ibid, p. 1230

Nesta fase final, a mesma irmã relata ainda: “Levantava-me várias vezes durante a noite (para ver como Teresa estava) apesar de seus pedidos. Numa dessas visitas, encontrei minha querida irmãzinha de mãos juntas e os olhos voltados para o Céu;

- “O que é que você está fazendo, assim? disse-lhe que você precisaria tentar dormir.
- Não consigo, estou sofrendo demais, então eu rezo...
- E o que está dizendo a Jesus?
- Não lhe digo nada, simplesmente eu o amo!”⁴⁰

“Lia-se em seu rosto a perfeita conformidade com a vontade de Deus: viam-na sempre graciosa, com amável alegria e se não se penetrasse em sua intimidade, acreditar-se-ia que seguia um caminho bem suave, todo de consolação” (DE LISIEUX, 2002, p. 125).

Toda essa presença intensa nas circunstâncias mais simples é justificada por ela em uma razão de ser: “Não tenho outro meio de te⁴¹ provar meu amor a não ser jogar flores, quer dizer, não deixar escapar nenhum pequeno sacrifício, nenhum olhar, nenhuma palavra, aproveitar todas as mínimas coisas e fazê-las por amor” (DE LISIEUX, 2011, p. 315), o desejo de agradar a Deus, a quem tem por objetivo. Aquele mesmo que, para ela, é seu órgão de sentido.

Durante o tempo que passou acometida de tuberculose, Teresa de Lisieux demonstrou, segundo os relatos, aquilo que Frankl (2019a) denominou “triunfo sobre o sofrimento”. A vida é sempre cheia de sentido e é sempre possível dizer sim a ela, não importam as circunstâncias. Além disso, o autor atesta a capacidade criativa de “transformar o sofrimento numa conquista e numa realização humana; extrair da culpa a oportunidade de mudar a si mesmo para melhor; fazer da transitoriedade da vida um incentivo para realizar ações responsáveis”. (FRANKL, 2019a, p. 161).

Para compreender melhor, vale lembrar que Frankl (2019a) aponta para uma autotranscendência que caracteriza toda a existência humana. Ou seja, a pessoa humana está orientada para uma direção que não é a si mesma, mas para algo, para alguém. O autor diz que quando se coloca a serviço de uma causa tem-se em mente essa causa e não a si mesmo e, no amor a uma pessoa, se perde de vista a si mesmo.

⁴⁰ Ibid, p. 1231

⁴¹ Em referência a Jesus

É nesse sentido que o autor entende como sendo possível encontrar sentido no trabalho e no amor, mas também quando se torna vítima desamparada de uma situação desesperadora.

Explica:

Uma situação que não podemos mudar, na qual apenas podemos modificar nossa própria atitude e com isso nós mesmos, de tal forma que, humanamente falando, consigamos amadurecer, crescer, transcender, e assim dar testemunho da mais humana de todas as aptidões, a saber, a capacidade que o homem tem de converter uma tragédia pessoal em um triunfo. (Frankl, 2019b, p. 94)

Dessa forma, aconteceu com Teresa. Suas atitudes correspondiam a um domínio de si e a um olhar voltado para além de si. São inúmeros os relatos que pontuam Teresa como aquela que sorria, que consolava, que dava esperança aos outros apesar do sofrimento que sentia. Ao se direcionar a serviço de uma causa, de um outro, deu sentido ao seu sofrimento e triunfou sobre ele.

Conclusão

A pessoa humana, com suas limitações, padece de diversos modos. Os destinos, de fato, participam da história de cada indivíduo e não devem ser desconsiderados. A proposta de Viktor Frankl acerca do tema, no entanto, é um convite a olhar para essa realidade com nova perspectiva. Assim, aquilo que não está sob o controle da pessoa pode ser encarado não como um obstáculo para a liberdade, mas como um trampolim, que é base para um salto além das determinações. A logoterapia, como descrita ao longo deste trabalho, ao atestar a liberdade da vontade convoca cada indivíduo a assumir a vida de forma autêntica e responsável.

Vale pontuar o que o criador da teoria logoterapêutica constata, ao dizer que o indivíduo também é livre para escolher agir levado pelas determinações, e que é essa a escolha de muitos. Mas, há tantos outros que, nos campos de concentração e em outros contextos testemunharam, na história da humanidade, com a própria experiência, um ser livre diante das circunstâncias mais adversas, como fez Teresa de Lisieux.

A história da religiosa francesa, aqui estudada, mesmo que de forma limitada, evidentemente, visto que o que viveu está muito além do que foi possível ser citado, possibilita a observação do conceito de Liberdade da Vontade na concretude de alguém histórico, que se esbarrou com as contingências adversas da vida.

Teresa deparou-se com muitas situações em que não estava como possibilidade a modificação delas: a morte da mãe; a ida da irmã para um mosteiro; a doença psíquica; o impedimento de sua entrada no Carmelo; os sentimentos indesejados nas relações sociais; a tuberculose e o sofrimento que ela causou; a expectativa da própria morte; e tantas outras circunstâncias. Assume suas fragilidades, tendências e dificuldades de modo que observamos os destinos biológico, psíquico e social que atravessaram sua vida.

Na infância e início da adolescência, os destinos eram muito mais influentes nos comportamentos de Teresa. Atuava, como pontua em alguns fatos, conforme as contingências, mas ao exercitar o atributo do livre-arbítrio, passou a agir de acordo com o que a consciência mandava, mesmo que a tendência fosse exatamente o contrário. Descreve um posicionamento muito mais ativo e consciente diante das situações vividas. Não deixa de sentir ou de ser afetada pelas circunstâncias que aconteciam em torno e dentro de si, mas se coloca num lugar de comando dos próprios comportamentos. É esse o alçar voo, o autotranscender, o tornar a vida autenticamente humana.

O que estava em seu domínio fazer era a modificação de seu próprio posicionamento e o que descreve é que o fez. Se estava com medo, mas precisava falar com os superiores para receber a autorização, pedia; se a consciência dizia que deveria tratar com caridade quem a tratava mal, tratava com caridade; e, diante da tuberculose não ficou presa à doença que tanto a fez sofrer, mas fazia rir da própria situação, consolava as pessoas que sofriam, oferecia suas dores pela salvação dos outros como cria.

Em decorrência desse estudo, percebemos que Teresa, apesar de ter a liberdade da vontade enquanto potencialidade, como vimos a afirmação do autor, precisou de um processo de contínuo exercício de atenção à consciência e realização daquilo que entendia ser a resposta correta, até a doença que culminou em sua morte onde apresenta um domínio maior de todas as suas atitudes descritas em seus escritos autobiográficos.

Por seu posicionamento diante do imutável, Teresa colabora para o que afirma a teoria: o homem é capaz de escolher o que fazer com aquilo que lhe perpassa, seja biológico, psíquico ou social. Além disso, ao responder a consciência que é o órgão de sentido, abre possibilidade para o encontro do sentido da vida e, assim, atender ao convite da própria existência que clama por sentido.

O caminho a ser trilhado por cada indivíduo é único e somente ele pode fazer, nas condições em que se encontra, com a história que possui. Seja nos campos de concentração, como Frankl; no mosteiro, como Teresa; nas ciências, nas artes, enfim, onde quer que esteja a pessoa humana, com os elementos que dispõe, há um ser capaz de empreender a liberdade da vontade que lhe própria. Em suma, a pessoa humana não é livre de algo, mas livre para algo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AQUINO, T. A. **A presença não ignorada de Deus na obra de Viktor Frankl: articulações entre logoterapia e religião.** São Paulo: Paulus, 2014.
- CARRARA, P. S. Espiritualidade e saúde na logoterapia de Viktor Frankl. **Interações: Cultura e Comunidade**, Minas Gerais, v. 11, n. 20, p. 66-84, Jul./Dez. 2016.
- CAVALCANTE, P. T. **Santa Teresinha em carne e osso.** São Paulo: Paulus, 1997.
- CAVALCANTE, P. T. **Caminhada teresiana na contemporaneidade.** Maceió: Edufal, 2014.
- CÓRDOBA L. F. V. Logoterapia con personas que experimentan dolor, sufrimiento y pérdida del sentido de la vida. **CES Psicología**, Medellín, v. 2, n. 2, p. 95-105, Jul./Dez. 2009.
- DE LISIEUX, T. **Conselhos e lembranças.** 6 ed. São Paulo: Paulus, 2002.
- DE LISIEUX, T. **História de uma alma.** 4 ed. São Paulo: Paulinas, 2011.
- DE LISIEUX, T. **Teresa do Menino Jesus e da Sagrada Face: Obras Completas.** 3 ed. Edições Loyola: São Paulo, 2015.
- FRANKL, V. E. **Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo.** 14 ed. Aparecida: Ideias e Letras, 2005.
- FRANKL, V. E. **Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da Logoterapia e análise existencial.** 5 ed. São Paulo: Quadrante, 2010.
- FRANKL, V. E. **A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia.** 1 ed. São Paulo: Paulus, 2011.
- FRANKL, Viktor E. **O sofrimento de uma vida sem sentido: caminho para encontrar a razão de viver.** 1. ed. São Paulo: É realizações, 2015.
- FRANKL, V. E. **Sede de sentido.** 5 ed. São Paulo: Quadrante, 2016.
- FRANKL, V. E. **Psicoterapia para todos: uma psicoterapia coletiva para contrapor-se à neurose coletiva.** 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2018.
- FRANKL, V. E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração.** 48. ed. Petrópolis: Vozes, 2019a.
- FRANKL, V. E. **O sofrimento humano: fundamentos antropológicos da psicoterapia.** 1. ed. São Paulo: É realizações, 2019b.

LIBARDI T.A. Dimensão da maturidade à luz da logoterapia. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 38, n. 159, p. 122-137, Jan./Abr. 2008.

MEESTER C. D. **De mãos vazias - A espiritualidade de Santa Teresinha do Menino Jesus**. 1 ed. Petrópolis: Vozes, 2018.

MOREIRA, N.; HOLANDA, A.. Logoterapia e o sentido do sofrimento: convergências nas dimensões espiritual e religiosa. **Psico-USF**, Itatiba, v. 15, n. 3, p. 345-356, Dez. 2010.

PEREIRA, I. S. Espírito e liberdade na obra de Viktor Frankl. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 26, n. 3, p. 390-396, Set./Dez. 2015.

PIAT, S. J. **História de uma família**. 1 ed. Dois Irmãos: Minha Biblioteca Católica, 2018.

QUEIROZ, P. R. M. **O conceito liberdade em Aristóteles e no existencialismo de Sartre**, 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Filosofia) – Faculdade Católica de Anápolis, Anápolis, 2010.

VÁZQUEZ, T. P. R. **El verdadero amor como único sentido**. Revista Científica de la UCSA, Vol.1 N. 1, p. 76-861, Dez. 2014